



3.912
52



A BORBOLETA.

PERIODICO MISCELANICO.

Util, bella, e agradavel,
A Borboleta hade ser,
Os seus leitores verao,
Si olhos tiverem para ver.

Quinta feira 15 de Agosto de 1844.

Publica-se quatro vezes no mez na Typographia de J. E. S. Cabral, rua do Hospicio n.º 66. Subscreeve-se a 700 rs. mensaes, 2\$000 rs. por trimestre, e 4\$000 rs. por 6 mezes, nos casos dos Srs. A. F. Guimarães rua do Sabão n.º 26, e Sabatier, Ouvidor n.º 31. Numero avulso 200 rs.

PROSPECTO.

Muito vos hade admirar, caro Leitor, ver apparecer em publico uma Borboleta para metter-se aonde ninguem a chamou, e fallar sem pedir palavra. Parece impossivel que ella tambem queira questionar, e entrar na arena das discussões periodicas, e o que mais é, casual com quem está quieto, e que com ella não se importa, nem dá a confiança de dirigir-lhe a menor palavra. É cousa incrivel que uma Borboleta tenha tino para prometter-vos que ninguem se escapará da sua critica, e que, seguindo o trilho do nosso velho Carapuceiro, tambem trabalhará em talhar, e cöser carapuças, que se ajustem em todas as cabeças! Como é que pôde ser que este maldito bichinho tenha até

a habilidade de assistir a todas as conversações, e tornar-se para som o Respeitavel, mensageiro das novidades que fór sabendo?! Como se pôde ouvir sem indignação dizer uma Borboleta que hade contar, a quem dê-se á massada de atura-la, casos divertidos, novellas e romances, tudo sahido das fabricas mais modernas?! Finalmente quem pôde acreditar que um tão fraco e ridiculo insecto, cujas asas se quebram apenas cabe no laço, e se esfaiscam com um simples esfregar de dedos, erie agora forças, e se apresente dando palestra sobre mil assumptos, fallando no serio, e no ridiculo, em prosa, e em verso, n'um estilo tão vulgar para poder ser entendida por toda a gente?! Nada, é carapuceira que nos engulimos, e que nos custa a cre-

porém como isto pôde acontecer, porque talvez ella seja dominada por alguma entidade magnetica, aconselhamos então a todos que exconjurem esta nova especie de Borboleta.

Vale.



JOANNINHA.

ROMANCE.

I.

O ENTRUDO.

Era um bello dia de Fevereiro; as ruas de Rio de Janeiro estavam alagadas d'agoa. Innumeras patrulhas dos Corpos de Policia faziã reinar o socego possivel em um dos dias do Carnaval. Tudo era bulicio e frenesi; ali corria um magote de moços exquisitamente vestidos que, com as mãos cheias de laranginhas de cheiro, faziã desertar as janellas ha pouco topetadas de moças, que se divertiam em vêr cahir de um alto sobrado sobre os negros que passavam, um sacco cheio de palha. Aqui, á porta de uma taberna, alguns caixeiros com as mangas da camisa arregaçadas, e os tamancos cobertos de lama, a risadas descompassadas lançavam á cara dos escravos, que caminhavam ao serviço de seus senhores, punhados de polvilho ou de zarcão; procurando fugir lá cahia um, e então uma asobiada geral dos moleques fasia por um momento serem novamente habitadas as janellas.

No meio de todo este ruido duas jovens creaturas, perto de uma janella que deita para a rua da Quitanda, pareciam não dar fê de nada do

que lá fóra se passava. — Não, minha querida Joanninha, disia uma d'ellas, tu nunca poderás ser minha, pela desgraça de meu pai só d'aqui a trez annos poderei estabelecer-me, e trez annos!... Oh! trez annos bastam para faser mudar o coração de uma mulher bella, como tu!...

— Ingrato! Em que te estribas para me julgares voluvel? Acaso pensas que por não contar mais que deseseis annos não saberei conservar-me fiel á aquelle que primeiro me fez sentir a chamma de amor? Não, ainda quando, em vez de trez, fossem precisos seis, eu esperaria, pois sem ti, meu amado Henrique, não ha felicidade na terra para a tua Joanninha.

— Oxalá tu penses sempre assim!

— Sempre, sempre!

E os dous amantes abraçaram-se estreitamente, iam talvez beijar-se, quando uma porta abrindo-se fez apparecer uma irmãa mais velha, que tendo-os percebido dissimulou dizendo:

— Mana, vamos encher limões.

Era Henrique um bello moço de desoito annos, que amava pela primeira vez a uma mocinha de quasi deseseis, que habituada a vê-lo todos os dias desde a mais tenra idade a elle se tinha seriamente affeçoado. Seu pai outr'ora um honrado negociante havia um anno que tinha quebrado por um d'esses reveses da vida humana. Pelas leis do Paiz não podendo por tanto estabelecer-se antes da idade de vinte e um annos, Henrique se lastimava de não poder já ligar-se ao unico objecto de todos os seus pensamentos; apesar das invectivas de sua mã, que conhecendo a paixão de seu filho, receiava-se das

consequencias d'ella , e que n'um d'esses dias de asedume lhe disse com firmeza :

— Henrique , si acaso as minhas desconfianças se realisarem , lembra-te que desde esse dia não serei mais tua mãe , nem mais transporás os umbraes de minha porta.

— Minha mãe , o futuro só a Deos pertence.

II.

O CIUME.

Quatro meses eram passados quando pela volta da tarde , o joven Henrique com os olhos rasos d'agua entrando em casa de um dos seus amigos , lhe diz.

— Carlos , meu amigo , dá-me os Ciumes do Bardo , quero alimentar-me com elles. Carlos , que havia estudado phisiologia , de prompto reconheceu em suas feições que o coração do seu amigo era lacerado pelo ciume ; sem proferir palavra tomou pois o livro que lhe era pedido , entregou-lh'o , e tornou para a sua carteira a continuar o seu trabalho.

Henrique recebendo o livro devorava com avidéz os versos do immortal Poeta portuguez ; surrindo a uns , chorando a outros , dir-se-hia que elle era o proprio Bardo. . . . — Bravo ! exclama elle , batendo um forte murro sobre a mesa « Mulher pura e fiel não ha nem houve ! — Oh ! Castilho , quando estudes toda a tua vida , não tornas a proferir outra verdade como esta !

Carlos voltou-se , encarou alguns momentos o seu amigo , e tornou friamente á sua obra ; mas em breve o cahimento do dia o veio impedir de termina-la. Henrique , depois de haver

corrido os ultimos versos do Poema , estava abismado n'um pélagos de tristes reflexões. Carlos então , afim de distrahi-lo , convidou-o para passear.

— Quero escrever primeiro sem testemunhas — respondeu-lhe Henrique.

— Bem , eu te deixo.

E retirou-se para a sala immediata. Dez minutos depois , Henrique o chamou , e mostrando-lhe o alto de uma carta , lhe diz :

— Conheces ?

— « Snr.^a D. Joanna. » Quem é ?

— A Joanninha.

— Como ? Pois brigaram ?

— Não ; mas brigaremos agora ; tenho um rival.

— Não pôde ser.

— Eu o vi surrir-se para ella , e ser correspondido.

— Estás enganado.

— Tenho toda a certeza.

— Nós o veremos.

Carlos , depois de ter lido rapidamente a carta , entregou-a a Henrique dizendo-lhe :

— Está demasiadamente forte ; a boa menina não merece ser tratada d'essa maneira , ella te ama com excesso , e

— Não merece ser tratada d'essa maneira ? ! atalhou Henrique , muito me admira , Carlos , que assim falles , depois de teres soffrido também uma ingratidão ! Por ventura não merece muito mais do que uma simples reprehensão , a mulher em cujo coração não ha fidelidade , nem constancia , cujo timbre é a variedade e o capricho ? Que promete um amor eterno a um homem , reiterando todos os dias seus protestos , já com presentes , já com raminhos de flores ; e que elle acreditando-a em tudo , cheio da maior boa fé , sacrifica todas

as vontades ás d'ella, ora deixando de passear quando deseja porque ella o não quer, ora indo onde não quereria porque ella o exige, para no fim ser despresado, pelo primeiro menino que se lhe apresenta?!...

— Qual despresar, Henrique, quem te despresou? São desconfianças tuas; eu já te disse que aquella menina não ama sinão a ti, e estou bem certo d'isso.

— Não tomes a defesa de quem o não merece; se me não dás rasão, desejo tambem que não m'a negues positivamente.

— Está bom, eu nada te teria dito, si nada me houvesse contado.

Carlos entretanto tinha vestido a sobrecasaca, e tomando o chapéo deſceu com seu amigo, perguntando-lhe para onde se dirigia.

— Vou entregar esta carta: encontrar-nos-hemos no fim da rua.

— Bem, — e sahiram.

Carlos caminhava lento a lento, recordando-se pela dôr do seu amigo da que trez annos antes o tinha feito chegar quasi ás bordas do tumulo.

— Ah!, pensava elle, quanto fui feliz em ser desenganado tanto a tempo! Talvez que se ella me houvesse sido mais fiel eu estaria hoje casado, e já sem esperanças de remontar um dia á esphera dos homens de talento! Mil graças vos rendo, meu Deos, por terdes apagado em mim uma paixão que me não podia levar á felicidade!.... E estarei eu destinado a nunca ser amado?! Não acharei jámais um coração, que palpite por mim de amor, e de ternura? Mas, oh! que si eu amára, como Henrique, bem depressa soffreria todas as afflicções que esta desordenada paixão de ordinario traz consigo; não, oh! meu

Deos! não permittais que eu me deixe arrastar do amor, dai-me coragem para d'elle fugir sempre!

E com a cabeça baixa e os olhos fitos no chão, tocava a extremidade da rua de....

— Em que meditas? — lhe diz Henrique, encontrando-o.

— Em mil cousas. Entregaste a carta?

— Sim, e agora já ella terá lido o que de certo não esperava; mas é para que saiba que não é cousa muito facil o illudir as vistas pesquisadoras de um amante.

— Queres tu ir ao theatro? atalhou Carlos.

Sim!.. tornou Henrique, sacudindo a cabeça com desdem, eu estou agora bem para ir a theatros.

— Ao menos, me farás companhia. Meia hora depois dous moços entravam na salla de S. Jannuario.

III.

A CARTA.

Em quanto Carlos e Henrique entretinham um pedaço da noite no theatro, a bella Joanninha mal podia acreditar na leitura d'essa carta em que pela primeira vez em sua vida ousavam trata-la de falsa, perjura, infiel, emfim de tudo o que pôde lembrar a um amante no excesso do ciume. Geraldina, sua irmã immediata, que de ha muito partilhava os seus segredos, e que lendo tambem a carta fatal deparára n'ella com o verso, que Henrique tanto gabára no Bardo, se tinha ressentido de que seu sexo fosse assim geralmente insultado.

— Joanninha, lhe diz ella, esta carta

precisa de resposta forte ; os amantes de ordinario carregam onde acham fraco ; é preciso pois , que Firmina a lêa e lhe responda : mais velha do que nós e ainda solteira , ella deve bem saber o que convém faser.

— Não , minha mana , não lhe darei resposta , eu soffrerei callada a crueldade d'esse ingrato que tanto amor me paga com tamanha offensa. Chamar-me de infiel ! a mim , que não achava praser em nada do que elle não partilhava ! Que sempre que reparava n'elle , esse bello typo de joven , temia que alguma outra mulher mais feliz , mais bella , ou mais rica , me roubasse a mim , pobre e sem nada , a unica joia que julgava possuir n'este mundo , o coração d'esse ingrato ! Homens !.. Oh ! fiai-vos lá n'elles ! Quando pensamos ter achado um coração que palpita pelo nosso de um amor puro e sincero , eis que de repente uma intriga do inferno vem rouba-lo a nossos affectos!... Oh ! e muitas veses essa intriga não é mais que um vão pretexto , que elles buscam para desfaser-se de um amor que já lhes pesa ! Ah ! cruel ! ama a outra muito embora , entrega-te todo á embriaguez de um amor novo , que callada a tudo me resignarei ; mas julgar-me infiel ! infiel !..... e as lagrimas , que descendo brandamente pelas faces lhe beijavam os seios , embargaram-lhe a voz ; uma convulsão nervosa lhe tinha quasi extincto os sentidos , e reclinando a cabeça sobre o hombro de sua irmã , da boa e terna Geraldina , que agora só sentia as magoas da sua Joanninha , ficou por alguns momentos em silencio abismada em sua dôr.

Neste estado as veio achar Firmina , sua irmã mais velha.

— O que tem Joanninha ? perguntou ella.

Geraldina , sem proferir palavra , lhe mostrou com o dedo a carta que estava sobre a mesa , ao tempo que a triste Joanninha , tornando a si procurava occulta-la com o lenço , que com disfarce ia a lançar sobre ella ; mas Firmina que o percebeu , arrancou arrebatadamente a carta , e depois de a ter lido , atirou-a ao chão com desprezo. Apesar de estar acostumada a essas , (para ella) trivialidades , comtudo o verso de Castilho lhe docu no fundo d'alma , pois sua consciencia lhe bradava — elle em ti se verifica. — Disfarçou pois o seu ressentimento , e voltando-se para sua irmã lhe diz , indicando com o pé a carta.

— E' pois isto a causa de tanto choro ? Ora bem mostras que és criança em te affligires tanto pela perda de um pobre tolo , que diz que te ama ! Ha tantos destes , que se pôdem tomar aos centos tu mesma , segundo elle diz , já tens outro

— Eu ? ! ! Por favor , minha mana , fasei-me mais justiça ; sou infeliz , mas nunca serei perjura.

— Está bom , veremos isso daqui mais a um anno.

Firmina apanhou então a carta , tornou-a a lêr , e tomando uma folha de papel notou uma resposta como por certo melhor não teria feito o mais habil romancista ; pois dez annos de pratica a tinham perfeitamente instruido nesse genero de letras.

— Toma Joanninha , escreve esta carta , e vê que amanhã deves entregal-a.

Joanninha toma a carta , e lê ; mas essas arrogantes phrases não acham eco em seu coração. Ella ama ainda , e muito ; e não se atreve a insultar

áquelle a quem ainda ha tão pouco tempo confessára o mais devotado amor; e sobre tudo não quer ser a primeira a terminar a correspondencia com Henrique: achou no fim da nota estas palavras *em fim tudo isto termina por mandar-me as minhas cartas.*

A desolada menina, receando a colera da irmã, teme negar-se ao que ella exige; não podendo tão pouco faser-lhe a vontade, redobra de chorar.

— Então, lhe brada Firmina, vais, ou não escrever?

— Não minha mana, não tenho animo de faser-lo.

Pois bem, meu Pai vai já saber de tudo.

Oh! não, minha mana, tende piedade de mim.

— Pois escreve.

A triste Joanninha banhando de lagrimas uma folha de papel, escreveu o que sua dura irmã lhe dictára, deixou-a sobre a mesa, e retirou-se para o seu quarto, procurando em vão conciliar o somno.

Firmina, e Geraldina leram, corrigiram a seu modo a pouca orthographia da carta, e a feixáram

No dia seguinte pelas sete horas, Henrique recebia uma carta como de namôro. (Continuar-se-há)



UM SONHO.

Bella era a noite, mais que o dia bella!
Alvinitente a lua rutilava,
Com um rosto de virgem pudibunda,
Que em seu jardim passêa solitaria.

(Magalhães. Susp. Poet.)

Silencio !.... silencio !.... bradava o sino do Mosteiro de S. Bento. Eram

dez horas. Obediente a essa intimação, acabava de despir-me, e envolvido na cama tinha soprado a vèla.

Já eu estava adormecido, quando a voz sonora de uma frauta, que na visinhança modulava, me fez de novo erguer; e abrindo uma janella ahi me conservei sentado, longo tempo, absor-to em doces pensamentos..... Porém, já o somno pesava com força sobre as minhas palpebras..... duas horas tinham soado, e os meus membros sentiam a necessidade de repouso. Tornei pois, para a cama, onde, embalado por esses sons, que o meu visinho com tanto gosto desferia, em breve adormeci.

Achei-me então, como por encanto, transportado ao largo da Lapa... Era uma bella tarde; a viração trasia a meus ouvidos os sons alegres de uma musica marcial. Dirijo os meus passos para o lugar d'onde partiam esses sons: achei-me no Passeio Publico.

Um guarda, que estava á porta, exigio de mim uma contribuição de 40 réis (se bem me lembro), sem o que não me era permittida a entrada.

— Oh! exclamei indignado, acham poucos tantos tributos com que está sobrecarregado o pobre povo, para ainda crearem mais este, sem vantagem immediata para o mesmo povo?!...

— Não se agaste, meu senhor, me disse o guarda; eu lh'o explico. Havendo-se determinado que cada uma das musicas dos differentes corpos da Capital se dirija aqui uma tarde em cada semana, afim de que exercitando-se nas varias peças que executam, deleitem, ao mesmo tempo, as pessoas que por aqui passeam; exige-se esta modica contribuição que deve ser empregada na conservação e augmento do acção, commodidades, e embellesamento d'este sitio; e não sei si tambem se desti-

na alguma pequena parte desta renda, para gratificação, ou refrescos aos musicos. Eis a razão deste imposto: creio que não merece censura.

—Certamente, disse eu arrependido do meu assomo. Oxalá que ha mais tempo se houvesse elle creado: e prasa ao Ceo que não seja isto *fogo de palha!*

Dirigi-me então para o terrado. Uma multidão de pessoas de ambos os sexos ahi se crusavam passeando: via-se o riso e o praser, que inspira a musica, desenhados em seus semblantes.... Oh! todos pareciam deslembados do dia de amanhã.... que digo!... da noite de hoje talvez!!... Tal é o poder da musica!!...

Tomei assento n'um desses sofás de marmore ao lado de dous amigos que lá encontrei. A banda de musica que tocava era a de Permanentes..... oh! com que ternura e perfeição acabava ella de executar um pedaço dessa producção immortal de Bellini!!!...

Apenas emmudeciam os instrumentos, que um novo goso se offerencia aos circumstantes. Essas encantadoras bellezas, esmalte dos nossos salões, apresentavam-se, nesse *negligé* de passeio, a nossos olhos, que, extasiados, não sabiam o que mais admirassem, si o bem feito das fórmãs, e o pisar mimoso, si a graça do sorriso, si o olhar fascinador..... Oh! é impossivel diser o quanto gosavamos eu e os meus amigos; pois como disia o Poeta Luso

Melhor é experimenta-lo que julga-lo.

Mas julgue-o quem não pôde experimenta-lo.

Depois de um pequeno intervallo que se seguiu á execução da NORMA, principiava um pedaço que me parecia da ANNA BOLENA.... As minhas faculdades estavam suspensas, tanta era a

solemnidade d'essa musica!.... Eis que horrivel algasarra me faz saltar fóra da cama sobresaltado..... corro, esfregando os olhos, á janella.... Era um magote de negros, que passavam carregados de café !!!... Malditos! exclamei; até elles zombam da Policia !!!... Desleixada que é !!...

O sol nascente enfiando pela janella, que ficára aberta, ia ferir sobre a minha secretária, e mostrava-me um tinheiro. Sento-me a ella, tomo uma pena, e quando me vieram diser—o almoço está na mesa—já o meu sonho estava escripto.....

—Felizmente alguns dias depois tive o praser de o vêr em parte realiado,



THEATRO.

Graças a Deus! Já o povo desta Capital por um momento parece esquecido da terrivel epidemia da politica, e volve carinhoso suas vistas ao merito artistico; só a Companhia Italiana pôde faser esta mudança: e digam lá que a musica e o canto não faserem milagres: duvidem da elevação de Thebas, do enternecimento de Plutão, e da cura da Tarantola!... A voz da Snr.^a Candiani, afinada pela lira do gosto, trouxe a época musical ao Rio de Janeiro, e vida ao *Theatro das Crismas*; ao poste dos genios. Hoje por toda a parte não se falla em outra cousa, tudo é theatro, cantoria, e musica; todos são *maestros*; os Delmastristas, e Candianistas, se combatem; e o pequeno partido Dipperinista frue callado o mimoso contr'alto da joven artista, que um dia imporá silencio; e essa nova reputação, candida como as pennas do Cisne, a passos inda que lentos, mas seguros,

caminha para o lugar que lhe está destinado: suas palavras *non sono degna*, na occasião de rejeitar a palma que a Snr.^a Candiani lhe offerecia, não passaram desapercibidas. A *primeira qualidade do merito é a consciencia do seu merecimento*.

Apenas appareceu nesta Capital a Companhia de Canto logo a febre musical, á similhaça da escarlatina, apoderou-se de todos os corpos, já cansados dos innumerados logros que os Srs. Esteriões nos tem pregado, não fomos isentos do contagio, e a curiosidade nos levou pela primeira vez ao salão do Theatro de S. Pedro, mas que bem paga foi ella? E sem pesar o disemos, nós nos sentimos, em alguns casos, como arrebatados, aos mimosos accents da voz da Snr.^a Candiani. Ainda que pouco entendedores, não somos algum Midas, e distinguimos perfeitamente o bom do máo; e confessando que a Snr.^a Candiani é a 1.^a voz que tem pisado nos nossos theatros, não deixamos tambem de ainda mais esperarmos d'ella; e sentimos que estes votos de mal entendido enthusiasmo vão de alguma maneira prejudicar o futuro d'essa Cantora; sabemos que em alguns theatros na Italia trabalhou colhendo applausos, porém applausos de estímulo, e não louco furor de applaudir, muitas vezes sem ouvir o que se applaude. Os Snrs. que desejam occupar os lugares, e preencher o titulo de *dilettantis*, comprehendam que os applausos só são merecidos depois da parte executada, e que uma boa nota não estabelece harmonia, e direito a elles. Não queremos por ora outra coisa mais do que a graça de nos deixarem ouvir o can-

to com todas as bellas, de que é capaz a Snr.^a Candiani, e finda cada parte applauda-se então o que fôr justo. Não pensem os *D'almas tristes* que nos lançamos em seus braços, pois si assim pensamos da Snr.^a Candiani, o que diremos do seu idolo, que está na rasão de 27: 49? Com tudo para o nosso modernissimo theatro a Sra. Delmastro tem seu merito ainda que pouco.



DUAS PALAVRAS.

UMA PITADA.

Era impossivel a despeito de nossos protestos deixarmos, ainda que de relance, de apresentar alguma cousinha sobre a politica do dia; é manjar appetitoso, que todos, assim como nós, hão de saborear.

A *Sentinella do Brasil* constantemente resa o *Padre Nosso*, e chegando ao *venha á nós* recomeça na mesma toada, porém agora que o *Iris* annuncia *Novo Tempo*, a aurora é tão serena como n'uma manhã da Primavera, e os *Pharões*, que antigamente allumiavam, se offuscaram á luz do dia, e apenas brucholeam á viração do Sul. O *Belchior* está no seu carnaval, e em vestes *Domingueiras* disem que se tem apresentado. O *Jornal do Commercio do Rio de Janeiro* muitas vezes tem annuciado, além do costumado, polemicas theatraes, mas nunca se affastando do vaivem das mesmas cousas; e a *linda Mulher do Simplicio* de vez em quando nos tem mimoscado com seus engraçados, e picantes versinhos. A *Minerva*, que hoje preside á nossa litteratura, não está tão lustrosa como nos tempos remotos, e apesar dos no-

mes com que se escuda cada vez a vemos mais retrograda. *Espelhos* tem havido de tão fraca factura, que em breve perderam o aço, não podendo por tanto receber a reflexão da luz das *Lanternas* que hoje se apresentam *magicamente*. Finalmente quasi todas as *Gasetas* querem ser *universaes*, mas a nosso ver, ellas comprehendem uma perfeita *especialidade*. Deus as conserve como remedio infallivel ao enjôo do tempo.



RIO DE JANEIRO.

Por ora as novidades da Côrte são quasi as mesmas, sómente o que ha de novo, é que o Pão d'Assucar acaba de desafiar o morro do Corcovado por este querer tirar-lhe a competencia e primasia. Como o desafio é á cabeçada já disem que o Corcovado levará a palma ao seu competidor, por estar mais destro no arremesso desta arma, e que para provar a sua agilidade sempre existe em guarda, e em posição de atacar o inimigo.

Bem que a principio nao quisessemos dar credito a esta noticia, com tudo agora podemos assegurar que é verdadeira, porque a Borboleta ha pouco recebeu um bilhete de convite para ser presente á este duello.

Consta mais que o desafiado tomára por padrinho o morro do Castello, e que o seu oppositor escolhera para isto a Ilha dos Ratos. Disem tambem que no numero dos assistentes se achará o bem conhecido *Bacalhão* com a sua competente bengala!

Que abalo não causará em todo o Rio de Janeiro a lucta destes dous gigantes? Como não ficará a barra, lugar destinado para esta scena, tão api-

nhoada de povo? Quantos não hão de ser os concurrentes para assistir a este espectáculo? Quantos não serão tambem d'entre os espectadores os mortos, e feridos com os apertos e empurroes? Que lastima nao será ficar a barra do Rio de Janeiro entupida de cadaveres? Como de dor nao se consternarao todos, vendo a Praia Vermelha, e seus contornos, submergir-se com os movimentos do Corcovado? Quao desgraçados não serão os pobres recrutas, que se acham n'aquelle Deposito? Como poderão as embarcações entrar depois que elles tiverem principiado o seu combate? Maldita presumpção, inimiga da especie humana! Quantas infelicidades nao se hão de seguir a este desafio!

Em fim, nós confiados no saber e prudencia desse eloquentissimo heroe, que tem de ser presente a este combate, estamos esperançados que isto nao se effectuará, porque elle, por meio de uma predica a estes dous fieis ouvintes, os desvanecerá de tal cegueira.

Que desgraça do nosso paiz! A Borboleta recorreu a *Homeopathia*, e a *Allopathia* para o restabelecimento da sua saude, porém, oh infelicidade! depois de tantas *JUNTAS*, nenhuma destas sciencias adevinhou-lhe a causa daquella molestia! Na verdade era difficil de se acertar; uma constipação não é enfermidade de tão pouca monta! Pobre Borboleta! quantas doses de *tisana de infusão com tartaro emetico* já não terias tomado, si aquella *velhinha*, que te foi visitar, e que vendo o teu miseravel estado, não te obrigasse a beber as duas chicarinhas de *chá de cinco folhas com herba tostão*? E só com isto,

milagre milagroso! ficastes bôa, e podestes levantar-te para sahir a rua, e saudar aos teus amantes, e fregueses, com os devidos cumprimentos! Fica certa que a rapasiada dá-te descu'pa por teres faltado de apparecer mais cedo; ella bem sabe que bastante desejo havia de tua parte para assistires a Festa da Gloria, e depois ires visita-la; e que por sobrevir-te malvada enfermidade te viste na necessidade de deixar de lá comparecer; e porisso vieste tão tarde. Agora d'aqui em diante deve ser pontualissima, e te esquivarde apanhar chuvas para te evitares das constipações.



● Compadre e a Morte.

FABULA.

Veio a morte certo dia
Um compadre visitar,
E depois dos cumprimentos
— Começou-se a conversar.

Muitos diseres houveram,
Em que não faltou questão;
O compadre, que era vivo,
Do momento lançou mão.

— Minha comadre — disse elle,
Conheço que tem-me amor,
Mas quisera de você
Obter um só favor. —

— Que o não mate, não, não posso —
Appressada disse a Morte,
— A' risca devo cumprir
O que tem marcado a sorte. —

— Eu só lhe peço tres dias,
Não exijo favor grande,
Venha, Comadre, depois,
Mas primeiro aviso mande.

Bem sabe que tenho filhos,
E negocios que arranjar,
Quisera que me avisasse
Antes de vir-me buscar —

— Nada me custa o que pede —
A magra lhe respondeu
— Quasi a todos a quem busco
Mil annuncios faço eu.

Eu lhe protesto, Compadre,
De lhe mandar pregoeiros,
Que serão meus emissarios,
Enviados, mensageiros. —

.. O Compadre agradecido
A sêa parca abraçou,
E nunca mais de morrer
A idéa lhe passou.

Eis se passam muitos annos.
Quando um dia a Morte vem,
— E' tempo, Compadre, — brada,
— Que a vida findado tem. —

— Negra Comadre, que é isto,
Pois apenas me apparece,
Exige que a siga logo:
E da promessa se esquece? —

Com estes e outros lamentos
A' parca increpou o triste,
E continuando a clamar
D'esta sorte assim insiste.

— Devo ter, segundo o ajuste,
Mais tres dias de demora,
Meus negocios não estão promptos,
Não pôde levar-me agora.

Que é d'ella a sua palavra?....
Qual foi o seu mensageiro?
Quem me avisou que era hoje
O meu dia derradeiro?.... —

— Silencio , não continue —
 Replicou a parca irada
 — Té quando existir quera ?
 Vamos que a hora é chegada.

Não lhe enrugaram as faces,
 Não lhe cahiram os dentes,
 Não sabe que são da Morte
 Mimos, noticias, presentes ?

Branquearam-lhe os cabellos,
 Vieram-lhe enfermidades,
 Nuncios eram ; mas não quiz
 Attender estas verdades ?

Seus filhos já tendo filhos,
 V. M. mal se arrastando ;
 Não lhe vinha tudo isto
 Da viagem parte dando ?

Não cuidou de sua vida,
 Deixou tudo para agora ;
 Nem mais um momento , ande ,
 Vamos já sem mais demora. —

E mal tinha terminado
 De fallar a fêa Morte,
 Alça o braço, e descarrega
 Sobre o triste o duro corte.

*Aquelles que bem souberem
 Aproveitar a ficção,
 Lembrar-se-hão que esta vida
 Não tem longa duração.*



Disia o Philosopho Democrito que
 a quelle que acha um bom genro ga-
 nha nm filho, e o que o acha máo
 justamente perde uma filha.

Os antigos não consentiam qual-

quer individuo casar-se sem ter che-
 gado á uma idade seria, porem na
 epoca actual passa por moda casar-se
 a creança na mesma occasião do bap-
 tismo.

As mulheres, segundo a opiniao
 dellas mesmas, excedem aos homens
 em tudo, e parece que em parte teem
 rasão, por que elles não lhes levam a
 palma nas trez qualidades — vêr, ou-
 vir, e fallar.

O homem de bem por muito vir-
 tuoso que seja, sendo pobre, todos o
 olham com desprezo, e diminuem-
 lhe as qualidades, quando d'elle fal-
 lam ; porem si sua fortuna se trans-
 forma, ei-lo gosando de immenso cre-
 dito, e lisonjeado por esses mesmos,
 que antes o queriam deprimir.

A população em geral é tao grande
 que chega para repartir-se pelas di-
 versas Nações do mundo, e nestas occu-
 parem todos os empregos ; e ainda as-
 sim mesmo sobra immensidade de gen-
 te, que não tendo que faser, dá na
 especulação de escrever para o publico.



ANECDOTAS.

Sahindo uma actriz de representar
 de homem, disse entre os bastidores
 a uma « companheira aposto que uma
 terça parte da platêa se enganou com-
 migo assentando que eu era homem »
 Creio, respondeu a outra, porque o

restante tem sobejas rasões para se não enganar.

Querendo um soldado obter licença para ir ao lugar de seu nascimento, foi á casa do seu Coronel, e chegando-se em frente d'elle, pediu-lh'a; este porém não querendo annuir, deu-lhe em resposta que fizesse meia volta a direita, e marchasse em frente; assim praticou o soldado, e sahio dirigindo-se para sua casa, aonde se demorou alguns dous annos. Ao depois enfasiado do campo volta a Cidade, chega em casa do mesmo Coronel, e principia a marchar na porta, cadenciando o passo por este modo « direito, esquerdo » direito, esquerdo. » O Coronel que ouvira aquellas voses, chega á janella e vendo o maganão, chama-o, elle obedece, e sobe as escadas em marcha, continuando da mesma fórma na sala. Então, F., diz-lhe o Coronel, agora é que vens, não é assim? Snr., respondeu o Soldado, V. S. quando eu vim pedir esta licença, ordenou-me que mudasse a frente á retaguarda, e marchasse em frente; eu como soldado obediente assim o fiz, até que chegando n'um ponto, quasi no fim do mundo, não achei mais frente, e vi-me na necessidade da faser meia volta a direita, e vir outra vez á casa do meu Commandante a esperar a voz de « alto », que até agora ainda não recebi. O Coronel rindo-se da astucia do soldado, deu-lhe a voz de *alto*, e mandou-o para o quartel, perdoadando-lhe a deserção.

Um dia que certo encarregado da

policia passeava n'uma praça para vêr, si ali tudo se achava em boa ordem, chega-se a elle um ladrao, e cortou-lhe subtilmente uma aba da casaca. Ainda pouco satisfeito do seu desaforo, foi no outro dia de manhã á casa do mesmo sujeito; em occasião que elle não estava em casa, e disse ao seu criado « que era um official de Alfaiate que vinha da parte do Snr. encarregado da policia buscar, para concertar a casaca de que na vespera uns ladrões tinham cortado, a aba, a qual elle trasia consigo para mostrar, a verdade. Como o que disia assimilhava-se ao que tinha acontecido, o criado deu-lhe a casaca, e nunca o desgraçado amo pôde descobrir quem o roubou duas veses.

Todas as veses que certa saloia ia assistir as vespervas na sua Freguesia, e ouvia cantar o seu Cura, que o fazia pessimamente, desatava em taes berreiros, que dando o Padre por isso, a chamou, e perguntou a causa do seu pranto: Ah! meu rico Padre, (respondeu a Saloia) eu tinha um jumentinho, que era a melhor besta da aldeia, era a menina dos meus olhos; mas foi comido dos lobos, e como era tão amiga d'elle não posso suster o pranto, quando ouço cantar a Vossa Mercê, por que não ha cousa mais parecida do que a sua voz com a d'elle.

Depois da campanha da Russia, Napoleão, determinou que a G. Nacional fosse defender as fronteiras do inimigo. Como julgava-se esta medida necessaria, todos sugeriram-se a ella

de boa vontade. Por este motivo cem mil homens da G. N. dirigiram-se de diversos pontos para o Rheno, aonde se achava a tropa de linha. Dous dias depois, todos tiveram ordem de marchar, e a G. N. não teve outro remedio sino de ir combater o inimigo, do contrario seria derrotada pela tropa de linha.

— Perto de setenta mil homens desta G. morreram neste combate.

Havia, n'uma das povoações da Provincia de Minas, um Vigario, que, possuindo grandes bens da fortuna, costumava soccorrer áquellas das suas ovelhas que cabiam em indigencia.

Certa noite, que jogava com alguns amigos em sua casa, vieram dizer-lhe que um homem o procurava; mandou-o entrar para o seu gabinete, e lá foi ter com elle.

Sentando-se então á sua mesa, convidou ao desconhecido a tomar assento em frente della, e a declarar-lhe o motivo da sua vinda.

— Sr. Vigario, diz-lhe o homem, achando-me muito atrasado nos meus negocios, e tendo alguns empenhos a satisfazer, vejo-me na necessidade de recorrer a V. S. pois me consta que costuma proteger a quem o procura. Assim pois, desejo que V. S. me empreste (por esta vez tão sómente) a modica quantia de dous contos de réis: e como sei que V. S. costuma, em casos taes, exigir uma fiança que segure o seu dinheiro, aqui lh'a trago já de prevenção. Creio que não duvidará da firma.

Isto disendo, tirou da manga da jaqueta um comprida faca de ponta, que collocou sobre a mesa junto a si.

O Vigario sobre-saltado, mas sem perder a natural presença de espirito, tornou-lhe, depois de breve pausa.

— Certamente, senhor, á vista de um fiador tal, e tao abonado, nenhuma duvida ponho em dar-lhe o dinheiro....

E puchando uma das gavetas, arrancou d'ella um par de pistollas.

— Serve-lhe nesta especie?! Bradou com voz firme, engatilhando-as... Já!!... Ponha-se lá fóra, ou lhe faço saltar os miólos!...

O ladrão perturbado por um desfecho que estava longe de esperar, ergueu-se, e sahiu rapidamente; muito feliz sem duvida, por só ter perdido o tempo.



SONETO.

O que tem sinhasinha? venha cá,...
Venha ver seu caboclo, seu negrinho?
Seu tudo, seu bembem, seu totosinho
Tenha d'elle mais dô, nao seja má!

Algum dia fui máo, diga sinhá?
Nao fui sempre seu bem, seu cachorrinho
Seus melindres, quitutes, seu bemzinho,
O que tem sinhasinha? venha cá...

Ah! façamos as pases, iáiasinha
Que eu nunca lhe fiz mal, ah não fui eu,
Que lhe fui falço-não, minha vidinha

Nao disse que seu peito era só meu?
Pois então venha cá, minha todinha,
Dê-me um beijo, e um abraço que sou seu.

Lã vai verso!

Deus não fez os corcundas
Ou em faze-los errou.

GLOSA.

Formou Deus obras fecundas,
Com que ornou a Natureza,
Si Deus fez tanta belleza,
Deus não fez os corcundas
São raças sêas, immundas;
Que satanaz procreou;
Furias que o inferno brotou,
Escarneo da humana gente;
Ou não fez — los omnipotente,
— *Ou em faze-los errou.*

As mimosas Brasileiras
Tem amor a liberdade.

GLOSAS.

Excedem as estrangeiras.
Por seus meigos attractivos,
A todos tornam captivos
As mimosas Brasileiras
Por amarem verdadeiras
Prendem do home'a vontade,
E além desta qualidade
Adoram o seu Paiz,
Odeiam despotas vis,
Tem amor á liberdade

Nos gestos encantadoras,
Quando amantes mui sagueiras,
No mundo não tem iguaes
As mimosas Brasileiras

Ellas amam sua patria,
Querem sómente igualdade;

Todas tem patriotismo,
Tem amor á liberdade

QUADRAS.

Sem a vogal — o —

P. — Si quem ama Lilia bella
Vive triste a suspirar,
Quem ama a terna Marilia,
Qual deve ser seu penar?

R. — Deve na Idalia chamma
Sempre existir permanente,
E sua amavel ternura,
Disfructar alegremente.

Sem as vogaes — i — u —

Embora Anarda pretenda
Para sempre abandonar-me,
O Fado tem decretado,
Hade por força adorar-me

Não tem poder mesmo a Sorte
Para d'ella separar-me,
Hade á força pertencer-me,
Hade por força adorar-me

Dê Amôr despotas ordens,
Nada faz amedrontar-me,
Hoje a Sorte me protege;
Hade por força adorar-me

Mesmo tornando-se falsa
Já não pode abandonar-me,
Ter-me ha sempre em lembrança,
Hade por força adorar-me

D'ella tem a sorte má
Desejado separar-me,

São baldados taes esforços,
Hade por força adorar-me

Nem os poderes Celestes
Hão de a faser desprezar-me,
Rasões fortes me defendem
Hade por força adorar-me

EPIGRAMMA.

E' sabido que nas noites
D'espectaculo no Rocio,
Um magote de raios
Traz a gente em corrupio. ...
Certo homem que se tinha
Para um canto retirado,
D'essa nuvem de *Morcêgos*
Vê-se em breve rodeado
Meu Senhor, uma cadeira....
Ei-la, ei-la...por quem é....
Obrigado, diz-lhe o homem,
Eu ourino bem de pé



ANNUNCIOS.

☞ A Borboleta publica-se todas as vezes que apparecer o arco Iris n'uma casa armada de preto; proprietario — um poeta. Na mesma e nas lojas de Qualquer Cousa e Comp.^a, bôco das Siringas, vendem-se os numeros avulsos por 3 pontapés e meio; e subscrive-se no interior de algumas casas de bilhar por meia duzia de bengaladas, e uma enchorrada de descomposturas por quebra.

Brevemente sahirá a luz com lêtras muito gordas o 1.^o numero da — *Es-*

peculação — jornal muito util aos traficantes, contendo alem de muitos versos prosaicos, e algumas peças de eloquencia, um importantissimo prospecto, no qual o seu Redactor declara não ser o interesse quem o induz a faser este trabalho, mas sim o desejo de vêr prosperar a literatura do seu Paiz.



Logogripho.

Pequeno animal fagueiro e bom,
Si na 1.^a co'a 3.^a um i tirasses:
Seriam de valor as outras duas,
Si um m da 2.^a em b mudasses.

Sujo seis dias
Trabalha o pobre,
Porém no outro
Recebe o cobre.

Jaqueta á moda.
Calsa emigrada,
Camisa limpa,
Muito engommada.

Passea teso
Com alegria,
Com este traje
De certo dia.



CHARADAS.

Celebre autor conhecido }
Por todos na Geographia; } 2
Si não houvesse Alexandre }
Nenhum outro o cortaria } 1

Conceito.

Inda nunca tive calsa,
Declarei-lhe eterna guerra,

Amo sómente os calções,
Porque em si mil bens encerra.

Sou d'alma principio e fim—1
Sou dominio portuguez —2
Todos de mim fazem uso,
Pouco me gasta o Inglez.

Desgraçada solidão —2
Sou pronome pessoal—1
Tenho tal propriedade
Que môo mesmo que um gral } 1
Conceito.

Por magico entre os antigos
En já fui acreditado,
Houve um templo em Clasomenia,
Quo foi a mim dedicado.

Do meu corpo em certo tempo
Minha alma se separava,
Ia vêr em outras terras
O que por lá se passava.

Tornando ao corpo já tendo
Essas terras percorrido,
Disia então o que havia
Nesse tempo acontecido.



LEMBROU-NOS AGORA.

O Sr. Fructuoso Dias, tratando de engajar uma nova Companhia Dramatica, que nos apresente os bellos Dramas do seu repertorio, presta um serviço de não pouco merito. As escolas dramaticas dão vivas lições de Historia á aquelles, que buscam dis-

trahir-se, e portanto o artista portuguez, ensaiando este passo, se torna credor dos nossos elogios. Prasa aos Ceos que os malevolos Zoilos não continuem a censura-lo e por este meio consigam que elle desista da empresa.!

MOVIMENTOS DO PORTO.

Saídas.

Para a Ilha de Fernando com escala pelas cadeas—Fragata—Relachação—Com. o Juiz do Bairro: carga—muitas resmas de papel sujo, e entre estas, immensidade de periodicos; Passag. uma grande escolta de alcaides, de vigia ao carregamento.

Para Moçambique—Frag —Discordia theatral—Tons. 3/4—M. Desmaseo completo: carga—muitas palmas, assobios, moedas de cobre, cacetes, varas de marmello, e flores para o peito de consig. ao M.; Passag. 856 cantores, que soffreram um naufragio.

Entradas.

Das 4 partes do mundo—dia e meio—Náu—Corretor de petas—M. Periodico Jornalista—Tons. 0: carga—assassinos, facadas, brigas de bulha, jornaes da Estranja, e uma porção de novidades a quem as engulir mais depressa; Passag. 10 mascates, 20 traficantes, 180 demandistas, e 1260 sujeitos com realejos, já tocando a Norma, Belisario, e Elixir de amor.